



Sociologia e Filme

Thanos, o neomalthusiano do universo Marvel: entre a justiça e a vingança ambiental

Thanos, the neomalthusian of the Marvel's universe: between justice and environmental revenge

Ramon José Gusso

Instituto Federal de Brasília;
Doutor em Sociologia-Política
- UFSC.

E-mail (não preencher)

Luciana Ceschin

Instituto Federal de Brasília,
doutoranda em Artes Visuais
(UnB), mestra em Tecnologia
e Sociedade (UTFPR).

E-mail (não preencher)

Resumo

A utilização de recursos audiovisuais no processo educativo permite aproximar os estudantes dos debates teóricos diversos de forma mais atrativa, abrindo o caminho para a introdução de novos conceitos. Este ensaio aborda como o recente sucesso de bilheteria entre o público jovem, a sequência de Os Vingadores - Guerra Infinita e Ultimato, do universo Marvel, permite um diálogo interdisciplinar entre as ciências humanas, abordando temas diversos e contemporâneos, como os debates sobre crescimento populacional, desenvolvimento econômico, a interrelação entre sociedade e natureza, políticas públicas de gestão ambiental e os debates históricos sobre controle populacional a partir do personagem e grande vilão, Thanos.

Palavras-chaves: Desenvolvimento. Crescimento populacional. Ambientalismo. Vingadores da Marvel

Abstract

The use of audiovisual resources in the educational process allows students to approach different theoretical debates in a more attractive way, allowing the introduction of new concepts. This essay discusses how the recent blockbusters of the Marvel Universe's, The Avengers - Infinity War and Endgame, allows for an interdisciplinary dialogue between the humanities, addressing diverse and contemporary issues such as debates about population growth, economic development, the interrelationship between society and nature, public policies for environmental management and historical debates on population control from the analysis of the great villain, Thanos.

Keywords: Development. Population growth. Environmentalism. Marvel's Avengers.

Introdução

Nos filmes *Os Vingadores: Guerra Infinita* (2018) e *Ultimato* (2019) os heróis do planeta Terra se vêm diante de um poderoso inimigo capaz de destruir todo o universo: *Thanos*. No enredo do filme, o vilão forja uma manopla capaz de abrigar as joias do infinito, pedras elementais do universo, que podem lhe conferir o poder de manipular a realidade, o tempo, o espaço, o poder, a mente e a alma e, assim, resolver um desequilíbrio entre recursos naturais e população. O que move *Thanos* não é apenas o poder absoluto, ele é um vilão ético que, após vencer a guerra, deseja se aposentar e contemplar a natureza de sua varanda, como um indivíduo urbano que vê o campo como uma paisagem bucólica e idealizada. Em 2019 o mundo tomou conhecimento da jovem ativista Greta Thunberg, eleita personalidade do ano pela revista *Time* que, a partir de ações individuais, foi capaz de criar uma onda global de mobilizações em defesa do meio ambiente e de críticas à passividade de políticos diante da crise ambiental. Seria possível pensar uma relação entre Greta Thunberg, uma personalidade real, e *Thanos*, um vilão das histórias em quadrinhos? Este ensaio procura estabelecer caminhos possíveis de análise entre eles, fornecendo também elementos teóricos e históricos para abordagem em sala de aula.

Em 1962, Rachel Carson publicou o livro *Primavera Silenciosa*¹ alertando como a tecnologia e as indústrias poderiam causar danos graves ao meio ambiente e à vida humana por meio do uso de pesticidas como o DDT (*diclorodifeniltricloroetano*). Em 1968, o biólogo Garrett Hardin publicou um artigo em tom pessimista chamado de a *Tragédia dos Comuns*, atualizando aspectos presentes no debate colocado por Malthus no século XIX a respeito dos impactos demográficos sobre o planeta Terra.

Carson e Hardin ajudaram a ampliar os argumentos sobre a defesa do meio ambiente e sua articulação com o desenvolvimento ao questionarem o progresso industrial como algo invariavelmente otimista. Esse debate colaborou com a ampliação acerca do discurso ambiental que, de um objeto estritamente acadêmico, passou a ser também assunto para uma disputa política, envolvendo governos, empresas e movimentos sociais. Esse contexto foi fundamental para as proposições

¹ O livro indicava como a tecnologia e as indústrias poderiam causar danos graves ao meio ambiente e à vida humana por meio do uso de pesticidas, como o DDT (*diclorodifeniltricloroetano*).

que se seguiram a partir do Clube de Roma² e notabilizadas pelo Relatório Meadows³, sobre os “limites do crescimento” (1972). Esse documento, responsável pelo termo desenvolvimento sustentável, impulsionou a criação de agências internacionais para o meio ambiente a partir da Conferência Internacional do Meio Ambiente, organizada pela Assembleia Geral da ONU, em Estocolmo, Suécia, em 1972, e na criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)⁴. O problema central, nesse contexto, era como assegurar o crescimento econômico sem esgotar os recursos naturais e energéticos. A natureza entra neste debate não como um valor em si, mas como um custo econômico, em que a preservação seria uma forma de racionalidade econômica de recursos, evitando desperdícios. Não havia, portanto, uma crítica ao modelo de desenvolvimento capitalista. A ênfase estava em encontrar tecnologias adequadas e “limpas” que sustentassem, por mais tempo possível, o padrão de vida e de consumo dos então chamados países de primeiro mundo.

Thanos e Greta Thunberg, cada um à sua maneira, nos convidam a retomar este debate iniciado por Carson e Hardin, criticando a pouca efetividade das ações em âmbito global em defesa do meio ambiente, permitindo recuperar diferentes propostas e ações voltadas ao controle populacional realizadas a partir do século XVIII.

1 Hardin, um neomalthusiano moderno

Em a Tragédia dos Comuns, David Hardin indicava a necessidade de medidas radicais para conter a onda de destruição ambiental e garantir a sobrevivência da espécie humana. O seu argumento poderia se enquadrar em uma versão contemporânea da hipótese de Thomas Malthus que, no início do século XIX, em pleno processo de Revolução Industrial e crescimento urbano acelerado, apresentava um

² O Clube de Roma é uma *think tank* fundada pelo empresário italiano Aurélio Peccei e o cientista escocês Alexander King fundada em 1968, que reúne cientistas, políticos, empresários e celebridades com o objetivo de debater e formular propostas orientadas ao desenvolvimento sustentável.

³ O relatório "*The Limits to Growth*" (Os limites do crescimento) é de autoria de Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers, and William W. Behrens III. O relatório foi efetuado por uma equipe do MIT chefiada por Donella Meadows por solicitação do Clube de Roma.

⁴ *United Nations Environment Programme* – UNEP.

cenário distópico sobre o futuro da humanidade. Malthus alertava, no Ensaio Sobre o Princípio da População, publicado em 1798, que o ritmo do crescimento populacional seria muito maior do que a capacidade de produção de alimentos para todos, ocasionando, em um curto espaço de tempo, a generalização da miséria. Segundo o autor, a paixão entre os sexos não diminuiria e, conseqüentemente, a reprodução da espécie se daria numa progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos, mesmo que de forma intensiva, se daria numa progressão aritmética, gerando déficits de nutrientes para todas as bocas e, conseqüentemente, a morte da sociedade (CORRAZA, 2005).

Malthus propunha que deveria existir um equilíbrio entre o tamanho da população e sua capacidade de produção. Quanto mais se aumenta a população, mais pobre ela se tornaria em decorrência da diminuição no padrão de vida. Para o demógrafo e pastor inglês, a equação entre produção de alimentos e crescimento populacional poderia ser solucionada, eventualmente, por soluções “naturais”, como as guerras e as epidemias, o que não deixava de ser, em sua visão, uma “divina providência”. Outra forma de evitar o problema seria atuar no controle populacional ou no controle moral, principalmente em relação à população mais pobre. Sugeriu, assim, colocar fim à assistência aos pobres e promover a abstinência sexual. Para Malthus, a pobreza e a desigualdade fazem parte da natureza humana, a assistência aos pobres seria apenas uma forma de estímulo à preguiça, pois a caridade anularia os estímulos necessários para a autoajuda (*self-help*), tais como a ambição e o medo. Quando há sempre alguém disposto a ajudar a solucionar os vícios e a embriaguez⁵ sempre haveria indivíduos dispostos a permanecer na pobreza. Já a diminuição da fertilidade contribuiria para o equilíbrio entre tamanho da população e sua capacidade de produção, melhorando o padrão de vida.

O problema que moveu o pensamento de Malthus não foi apenas uma questão estatística em busca por um ponto ótimo entre população e produção, mas, antes de

⁵ No contexto da Revolução Industrial, a embriaguez da população era considerada de fato um problema social. Clay Shirky (2011) descreve como o gim tornou-se um anestésico para população urbana em Londres. Mais barato que o vinho e mais forte do que a cerveja, o gim era uma bebida dos pobres, que a compravam em copos nas ruas ou, quando não havia dinheiro, eram fornecidos em trapos ensopados. O parlamento inglês, como forma de atacar o problema, editou leis proibindo a produção e consumo de bebidas aromáticas, tais como o gim produzido à base de zimbro e outras ervas. A proibição apenas direcionou a criação de um mercado ilegal e ampliou as estratégias para o fornecimento da bebida nas ruas londrinas.

tudo, de ordem moral. Malthus defendia que os homens só poderiam casar e se reproduzir quando tivessem condições para sustentar uma nova família. A culpa pela pobreza era, portanto, do próprio pobre. Malthus e outros intelectuais de sua época eram críticos das *Poor Laws*⁶ (Leis dos Pobres) que, desde século XVI, regulava a assistência aos pobres na Inglaterra, como, por exemplo, a assistência relativa ao número de filhos, ao acreditar que estas leis forneciam incentivos à vadiagem e, portanto, deveria ser abolidas.

David Ricardo, além de Malthus e outros economistas da época, propunham formas diversas para resolver o problema populacional e a pobreza. Defendiam, em grande medida, a defesa do trabalho livre e a iniciativa individual. A assistência ia de encontro aos princípios liberais, pois, na visão destes autores, levava os indivíduos à dependência em relação ao Estado. Também afirmavam que era mais vantajoso aos pobres viver da assistência do que do trabalho, em decorrência dos baixos salários, inclusive acusavam a *Poor Law* de ser responsável pelos baixos níveis salariais.

A partir de uma ampla pesquisa científica com os beneficiários da política, foram elaboradas as principais propostas de reformulação da Lei (*Poor Law Amendment Act*), que ocorreu em 1836. Acreditava-se, entretanto, que apesar dos custos para os cofres do Estado a Lei tinha a função de apaziguar os ânimos da população, evitando tumultos sociais e ataques à propriedade privada e, dessa forma, evitavam novos problemas para a ordem social. De acordo com Fraser (1984) três principais medidas foram colocadas em prática: a ampliação das casas de trabalho (*workhouse*), o princípio da menor elegibilidade e a centralização burocrática.

As casas de trabalho já existiam e foram ampliadas e utilizadas para testar o princípio da menor elegibilidade. As *workhouses* deveriam ser desconfortáveis para o que o indivíduo desejasse se reformar e procurar um trabalho. Inspirado em Bentham foram propostas diversas formas de controle e classificação dos indivíduos, como rotinas rígidas de trabalho, separação por sexo e de famílias, horários cronometrados. Esse sistema só seria possível por meio de uma reforma administrativa que centralizou as atividades, as rotinas e classificou as condutas. Criou-se, dessa forma, uma grande burocracia administrativa dos pobres.

⁶ A primeira legislação orientada aos pobres é de 1536 na Inglaterra e em Gales, sendo reformulada em 1836, retirando o caráter local de assistência para um sistema centralizado e organizado por meio de *workhouses* (casas de trabalho).

Havia uma crença profunda que os homens eram donos de seus destinos e estes poderiam encontrar a própria salvação, como demonstrou também Weber, em a Ética protestante e o espírito do capitalismo. A lei dos pobres, segundo Fraser (1984), inspirava-se em razões fraternais, relativo ao bem da maioria, a sociedade. O estado era como um pai que pune a criança por seu mau comportamento, mas espera dela a autorreflexão e a futura retidão de caráter. Ao temer a casa de trabalho, os indigentes corrigiriam sua postura, tornando-se trabalhadores. Pobres, mas, ainda assim, trabalhadores úteis à sociedade.

O que se pretendia era limitar as assistências e oferecer incentivos para que os indivíduos deixassem a pobreza voluntariamente por meio do trabalho. O princípio era que, ao trabalharem nas *workhouse*, apelidadas popularmente de Bastilhas devido as suas rigorosas regras, receberiam um auxílio financeiro que seria, contudo, menor do que o salário mais baixo de um operário. Essa diferença era interpretada como um incentivo moral para que procurassem, a partir dessa experiência, se inserir como trabalhadores na Revolução Industrial. Os auxílios seriam elegíveis àqueles que voluntariamente desejassem trabalhar e, assim, abandonar a posição de ociosos, principalmente para homens adultos, que deveriam merecer a assistência. Uma parcela menor, como idosos, viúvas, órfãos e inválidos continuariam a receber o auxílio sem a necessidade de trabalhar nessas instituições. Segundo Fraser (1984), um dos objetivos da nova Lei dos Pobres era diminuir os gastos do Estado com o amparo social, algo que de fato ocorreu ao longo dos trinta anos posteriores à aprovação da Lei, no entanto, essa conquista não se deu em virtude da Lei em si, mas pelo aumento dos empregos.

O exemplo da *Poor Law* e das teses de Malthus refletem o contexto histórico de grande crescimento populacional nas cidades e da pobreza urbana, descrita em detalhes pelo jovem Engels em A Situação da Classe Operária na Inglaterra. Por outro lado, aponta para a crença no progresso advindo da indústria e na capacidade individual para se inserir nesta grande transformação.

Se no século XIX a conjunção entre o tamanho da população e capacidade de produção dominou o debate, condenando social e moralmente os corpos daqueles que não se adequavam ao novo espírito produtivo, como os desempregados, os pobres, os miseráveis e os degenerados, como foram classificados nos diagnósticos eugênicos da

ciência do melhoramento humano, já no século XX o pessimismo se desloca para o eixo produtivo e para os limites dos recursos. A hipótese malthusiana a respeito da incapacidade de produção de alimentos mostrou-se falha a partir das novas técnicas produtivas, que provaram ser capazes de suprir a necessidade da população. A persistência da fome e da miséria não é um problema técnico, mas, antes de tudo, político e econômico, secundarizado no debate mais amplo sobre a questão ambiental.

A discussão introduzida por Hardin indicava que o uso dos recursos naturais levaria a uma crise que afetaria a todos. Sua preocupação é com o esgotamento dos recursos pelo mau uso que se faz dele, principalmente quando estes recursos dependem de uma administração, coletiva ou pública. Exemplifica sua tese com a metáfora de um pasto, compreendido como o espaço público no qual todos os proprietários de gado poderiam deixar o seu gado livre a pastar, sem qualquer regulação. Como ninguém limita a entrada de novos animais, cada proprietário insere quantos animais achar conveniente e, como todos pensam da mesma forma e almejam ganhar individualmente, acabam por utilizar esta área até o seu esgotamento. Ao final, todos perdem com a exaustão da pastagem. O argumento de Hardin é que tudo que é comum e dependa de uma gestão comum (coletiva) tende ao fracasso, desde os espaços públicos ao meio ambiente. Indivíduos e governos são egoístas e, em suas ações, protegem seus próprios interesses, de forma a aumentar seus ganhos e, quando administram algo que é comum, o resultado é a ruína de todos. O bem comum se torna a tragédia dos comuns.

Para Hardin, o problema da administração coletiva do bem comum é que os indivíduos tendem a fazer a coisa errada, pois escolhem ações que os beneficiam e não ao coletivo, mesmo que o indivíduo esteja inserido no coletivo. A tragédia dos comuns seria aquela na qual todo recurso que é limitado e cuja posse é coletiva tenderia ao seu esgotamento em virtude da ausência de regras para assegurar sua gestão, daí a solução privatista.

Em sua narrativa, Hardin propõe formas de coerção reguladas que tornem mais racional a preservação do meio ambiente via a cobrança de tributos e multas, custos que deveriam ser cobrados pela sua destruição. Em outras palavras, considera importante que seja mais barato agir certo, enquanto que as atitudes erradas deveriam ter um custo alto, pois apelar para a responsabilidade individual

(consciência) não tem levado a um resultado eficaz. Outra saída indicada pelo autor seria a privatização dos bens comuns como meio de evitar a tragédia dos comuns. Contudo, Hardin vê um agravante relativo à gestão dos comuns, que não pode ser solucionado por meios técnicos, pois o principal agente de impacto é o crescimento populacional. O autor afirma que toda população que cresceu rapidamente se tornou pobre ou mesmo miserável e, como a natureza possui recursos finitos, não é possível sustentar o crescimento populacional, mesmo utilizando novas técnicas de produção, o que, em sua opinião, apenas mitigaria o problema. Não seria possível atingir, dessa forma, um modelo de sociedade imaginada pelo filósofo utilitarista Jeremy Bentham, baseada na busca da maximização dos recursos, do bem-estar e da felicidade. Uma vez que os recursos são finitos, a população também deveria ser.

2 Thanos e Thunberg: a emergência do agir

O argumento de Hardin está presente em Malthus e também é o que justifica o plano de *Thanos*, o poderoso vilão dos filmes Os Vingadores: Guerra Infinita e Ultimato. *Thanos*, na série fílmica da Marvel, é um vilão reflexivo. Seu nome não é um mero acaso, é inspirado no deus grego associado à morte: *Tânato*. Já o seu irmão, presente nos quadrinhos da Marvel como *Starfox*, é, na mitologia grega, *Eros*, o deus do prazer e do amor, que representa o oposto de *Thanos*. Pulsão de vida e pulsão de morte, essa dicotomia inseparável alimenta a construção do personagem *Thanos*.

O vilão nasceu em Titã, uma lua de Saturno. A essência da história do personagem se desenvolve a partir do momento em que percebe que seu mundo está em perigo devido ao crescimento de sua população e tenta alertar aos líderes sobre os riscos deste crescimento, afirmando que a única solução é a eliminação da metade da população. *Thanos* é, então, considerado um louco e condenado ao exílio. Contudo, sua previsão catastrófica se confirma: a falta de ação dos governantes diante do crescimento populacional levou à extinção de seu mundo, em virtude da escassez de recursos naturais. Ao voltar do exílio, *Thanos* encontra Titã em ruínas e decide colocar em prática o seu antigo plano, que foi ignorado em seu planeta e, desta vez, pretende executá-lo em escala universal.

Previendo a extinção da vida caso nada fosse feito, o personagem ambiciona reduzir a população do universo à metade, como uma forma de solucionar o crescimento populacional. *Thanos* não se baseia em preconceitos, não tem ódio por nenhuma espécie em particular, inclusive as alienígenas. Sua fórmula de eliminação era aleatória, a única solução realmente justa, livre de julgamentos como merecimento, origem social, nacionalidade, religião, *status*, sexo, gênero, raça ou idade. Somente esse extermínio em massa garantiria “o equilíbrio da balança do universo” e seria capaz de ensinar aos sobreviventes a importância de compreender que os recursos do universo são finitos e devem ser preservados. *Thanos* deixa evidente seu projeto ao debater com *Gamora*, filha que adotou após dizimar metade de sua espécie:

- *Gamora*: nós éramos felizes no meu planeta;
- *Thanos*: seu planeta estava à beira de um colapso. Eu o salvei. As crianças agora dormem de barriga cheia e contemplam o céu. É um paraíso.
- *Gamora*: porque você matou metade do planeta!
- *Thanos*: um preço baixo a ser pago pela salvação.
- *Gamora*: você é louco!
- *Thanos*: Pequena, a conta é simples. O universo é finito, os recursos são finitos. Se a vida não for controlada ela deixará de existir. Precisa de correção! Eu sou o único que sabe e o único que quer agir.

Thanos não deixa de ser um ambientalista radical. Ele dá início ao seu projeto de extermínio porque realmente acredita que está salvando o universo de seus próprios habitantes que, presos em seus privilégios e confortos, são incapazes de agir. O extermínio de metade da população não é visto como um genocídio, mas como um meio técnico e neutro, uma racionalidade instrumental, que age sem sentimentos, paixões ou populismos. Diante da inação dos políticos e da população, busca o equilíbrio do universo de forma radical. O personagem *Fauce de Ébano*, general de *Thanos*, afirma, em uma das cenas, que as pessoas deveriam ficar gratas por perderem suas vidas insignificantes e contribuírem para o equilíbrio do universo.

O vilão chama a atenção para a falta de iniciativas concretas dos governantes em relação à questão ambiental. Esse tom alarmista, com as devidas proporções, faz lembrar a jovem Greta Thunberg, ativista ambiental sueca que, com apenas 16 anos,

foi cotada para o Prêmio Nobel da Paz (2019) por conta de sua defesa em favor da causa ambiental e por sua ácida crítica à morosidade pela qual os adultos e os políticos têm em promover mudanças efetivas em relação a esta contenda. Thunberg também resolve agir. Inicialmente parou de ir às aulas e protestou em frente ao parlamento sueco com um cartaz que dizia: *Skolstrejk för Klimatet* (greve das escolas pelo clima). Sua ação individual tornou-se viral em um mundo altamente conectado pela *internet*, mobilizando jovens pelo mundo a se manifestarem contra as mudanças climáticas em eventos similares, chamados de *Fridays for future* (sextas-feiras pelo futuro), que se realizaram em pelo menos 160 países e em mais de 3.500 cidades. Greta Thunberg também foi alvo das atenções ao viajar à Nova York para ser conferencista na Cúpula do Clima na sede das Organizações das Nações Unidas, em uma viagem de 14 dias que fez a bordo de um veleiro sustentável, evitando, assim, deixar pegadas de carbono em um trajeto de poucas horas de avião.

Seu ativismo é coerente e tem inspirado jovens ao redor do mundo, mas, ao mesmo tempo, é constantemente atacada e desqualificada por adultos com insultos de caráter machista, misógino ou pelo fato de sua crítica ambiental, supostamente, desconsiderar outros aspectos como as desigualdades sociais. As críticas à Thunberg também se mostram duras em relação aos estereótipos associados à juventude em afirmações que denotam a crença de que os jovens sejam imaturos, desinteressados, despolidizados ou, no máximo, rebeldes sem causa. Em oposição a esse olhar conservador também há a construção de uma aspiração heroica da juventude, como uma vanguarda radical, engajada e inconsequentemente revolucionária.

Em seu discurso na Cúpula de Ação Climática das Nações Unidas na ONU, em setembro de 2019, direcionada para diversos líderes mundiais, Greta disse que “os olhos de todas as gerações futuras estão em vocês e se vocês escolherem falhar, eu digo que nunca os perdoaremos”. A jovem ativista revela, assim, um conflito geracional entre as ações dos adultos e a sua geração, que terá uma vida limitada ou à beira da extinção pelas consequências deixadas pela irresponsabilidade das gerações anteriores. Thunberg não é uma transfiguração de *Thanos*, mas nos lembra da pulsão de morte e sua ambivalência com a vida, do conformismo diante do conforto, da distância entre participação social e representação política. *Thanos* não foi ouvido

e sua voz foi tratada pelas autoridades com desdém. Resolveu agir por meio da vingança.

A jovem ativista ambiental, assim como Carson e até mesmo Hardin, procuraram novas respostas se engajando na construção de alternativas. São vozes que se levantam contra a surdez contemporânea, em que a percepção da crise e a exaustão do meio, mesmo vestido de discursos de sustentabilidade, mantêm sólido o modelo econômico predatório. A consciência do problema, seja com foco nos recursos ou em relação à população, não é algo novo, Malthus nos lembra de que este é um debate antigo. Outras soluções, inclusive algumas parecidas com as de *Thanos*, já foram aventadas e colocadas em prática. A manutenção do jardim depende da eliminação das ervas daninhas, como indicou Bauman (1999) explicando a lógica do jardineiro, metáfora para compreender as bases do nazismo, como também demonstrou Foucault (2008), na definição de biopoder e biopolítica, mecanismos pelos quais a vida, em seu sentido biológico, se torna política, e que se manifesta sobre os corpos individuais ou ao conjunto de uma população na forma de disciplina, classificação e controle dos corpos.

Fauce de Ébano é o funcionário, o jardineiro responsável por transformar vidas insignificantes em pó. Como *Thanos* e Fauce de Ébano no universo Marvel, a história no mundo não ficcional têm exemplos demasiadamente dilatados da efetivação da lógica do jardineiro na seleção das ervas daninhas, classificadas como estorvos, improdutivos, doentes, imorais, loucos, criminosos, pobres, selvagens, negros, mulheres, homossexuais e assim por diante. Quais vidas insignificantes serão colocadas em câmaras de gás, em prisões, manicômios, *workhouses* ou padecerão por falta de alimentos ou pelos riscos não democráticos causados por pandemias, por desastres ambientais e pela vingança de Gaia? Quais vidas serão sufocadas por falta de respiradores nos hospitais ou pelo joelho do Estado?

Considerações finais

A ambivalência presente na defesa do mundo, do universo, da natureza, do progresso, do desenvolvimento ou de uma sociedade se encontra, muitas vezes, em um limiar de escolhas perigosas, ao sugerir culpados, classificar corpos e definir

estratégias de superação. Há sempre o risco de um belo discurso racional e justificável gerar consequências contingentes ainda piores. Essas são possíveis leituras dos filmes *Os Vingadores: Guerra Infinita* e *Ultimato*, que nos permitem refletir sobre questões contemporâneas como a interrelação sociedade e natureza, justiça ambiental, governança, democracia, desenvolvimento econômico *versus* a proteção da natureza e da vida, bem como teorias sociais e discursos que procuram classificar e justificar práticas políticas. Estas reflexões realizadas a partir de filmes que falam de heróis imaginados e de vilões de universos distantes, presentes na cultura da juventude, são recursos valiosos que podem ser trabalhados de diferentes formas em sala de sala, aproximando os estudantes de questões contemporâneas e teóricas a partir de elementos que compõem seus repertórios.

Referências

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAUMAN, Zigmund. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

CORAZZA, Gentil. Malthus e Ricardo: duas visões de Economia Política e de Capitalismo. *Cadernos IHU Idéias* (UNISINOS), Unisinos - São Leopoldo, v. 03, n.34, p. 01-22, 2005.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População. Cursos do Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRASER, Derek. *The Evolution of the British Welfare State: a history of social policy since the industrial revolution*. MacMillan Press ltd, Londres, 1984.

HARDIN, Garret. The Tragedy of the Commons. *Science*: Vol. 162, Issue 3859, p. 1243-1248, 13 Dec 1968. Disponível em <<https://science.sciencemag.org/content/sci/162/3859/1243.full.pdf> acesso em 08/10/2019>.

Protestos em mais de 150 países pedem ações contra mudanças climáticas. *Folha de São Paulo*: São Paulo, 20 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/09/protestos-em-mais-de-150-paises-pedem-acoes-contramudancas-climaticas.shtml> Acesso em: 01 out. 2019.

MALTHUS, Thomas Robert. *Princípios de Economia Política e Ensaios sobre a População*. Os economistas (coleção). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NETTO, Paulo Roberto. Após Discurso na Onu, Greta Tunberg é novo alvo de boataria e ataques nas redes sociais. *O Estadão*. São Paulo, p. 1-2. 26 set. 2019. Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/apos-discurso-na-onu-greta-thunberg-e-novo-alvo-de-boataria-nas-redes-sociais/> Acesso em: 26 set. 2019.

SHIRKY, Clay. *A cultura da Participação. Criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

‘Vocês estão falhando conosco’, diz ativista Greta Thunberg a líderes mundiais. *Homepage ONU*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/voces-estao-falhando-conosco-vgt668i9/diz-ativista-greta-thunberg-a-lideres-mundiais> Acesso em: 29 set. 2019.

Filmes Analisados

VINGADORES: Guerra Infinita. (Avengers: Infinity War). Marvel Studios/Disney: EUA, 2018. Direção de Joe Russo; Anthony Russo. Baseado em Os Vingadores de Stan Lee e Jack Kirby, 149 min.

VINGADORES: Ultimato. (Avengers: Endgame). Marvel Studios/Disney: EUA, 2019. Direção de Joe Russo; Anthony Russo, Baseado em Os Vingadores de Stan Lee e Jack Kirby, 181 min.

Recebido em: 14 de dez. 2019.

Aprovado em: 11 de jun. 2020

Forma de citar este texto (ABNT):

GUSSO, Ramon José; CESCHIN, Luciana. Thanos, o neomalthusiano do universo Marvel: entre a justiça e a vingança ambiental. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v.9, n. 1, p. 44-56, jan./jul. 2020.